

# Entre comitês e quebradas: estilos de ativismo e mobilizações pela defesa da vida em contexto de pandemia<sup>1</sup>

Between committees and outskirts: activism styles and mobilizations for the defense of life at a pandemic context

Jonatha Vasconcelos Santos<sup>2</sup>  
vasconcelos.jonatha@gmail.com

## Resumo

*A pandemia da Covid-19 provocou um conjunto de impactos socioeconômicos que acentuou as vulnerabilidades derivadas de uma desigualdade social multifacetada. Tendo em vista as consequências dessas mudanças para grupos sociais precarizados, esse período foi marcado pela emergência de uma ampla rede de ações coletivas com o objetivo de combater os impactos da crise sanitária nesta população. Com base nisso, este artigo analisa as redes de organizações e os estilos de ativismo envolvidos nas mobilizações pela defesa da vida realizadas entre os meses de março e julho de 2020 em Sergipe. Para isso, catalogamos e criamos um repositório de ações coletivas a partir de dados coletados em redes sociais como o Instagram e o Facebook, além de recortes de jornais. Os resultados apontam para três estilos e bases organizativas: os grupos de voluntariado e o ativismo filantrópico; os sindicatos e o ativismo trabalhista; e as organizações comunitárias e o ativismo de base.*

**Palavras-chave:** Covid-19. Pandemia. Ativismo. Ações Coletivas.

## Abstract

*Covid-19 pandemic has provoked a set of socioeconomic impacts that accentuated the vulnerabilities derived from a multifaceted social inequality. Bearing in mind the consequences from these changes for precarious social groups, this period has been marked by the emergency of a wide network of collective actions aimed to fight the impacts of the sanitary crisis on this population. Based on it, this article analyses the organizations networks and the activism styles involved in the mobilizations for the defense of life carried out between March and July 2020 in Sergipe. For this, we have labeled and created a repository of collective actions from data collected on social networks such as Instagram and Facebook, in addition to newspaper clippings. The outcomes point out to three organizational styles and bases: volunteering groups and philanthropic activism; unions and labor activism; and communitary organizations and grassroots activism.*

**Keywords:** Covid-19. Pandemic. Activism. Collective Actions.

<sup>1</sup> Agradeço aos interlocutores que disponibilizaram, nesse momento conturbado, as informações que fundamentam o argumento do texto. Não menos importante, também agradeço aos organizadores do Boletim Cientistas Sociais da ANPOCS pelo diálogo, aceite e publicação da versão reduzida desse artigo (SANTOS, 2020) em seu número 19 do boletim "A questão étnico-racial em tempos de crise". Apesar das contribuições, sou o único responsável pelos erros do artigo. Esse trabalho foi financiado pela CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, integrante do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP) e bolsista CAPES. E-mail: vasconcelos.jonatha@gmail.com.

## Introdução

No dia 25 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde anunciou o primeiro caso positivo de Covid-19 no Brasil. Após quase duas semanas, 11 de março, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o contágio do novo Coronavírus uma pandemia. A primeira vítima brasileira, um porteiro aposentado de 62 anos, era noticiada no dia 17 de março na cidade de São Paulo. Os meses seguintes foram marcados por um conjunto de posições conflituosas entre representantes do Ministério da Saúde e o presidente Jair Bolsonaro. Essas tensões resultaram na demissão dos líderes do Ministério da Saúde Luiz Henrique Mandetta, no dia 16 de abril, e Nelson Teich, no dia 15 de maio.

Enquanto isso, o presidente da República demonstrava insatisfação com a forma como os ministros combatiam a pandemia em pronunciamentos realizados nos dias 24 e 31 de março, e 8 e 24 de abril. Nesses pronunciamentos, Jair Bolsonaro classificou a Covid-19 como uma "gripezinha", solicitou a necessidade dos governadores e prefeitos considerarem o isolamento vertical<sup>3</sup> e apresentou a cloroquina enquanto uma alternativa médica eficaz no combate à pandemia (SILVA, 2020). Essas exigências do presidente se direcionavam principalmente aos prefeitos e governadores que, em consequência, compuseram um bloco de oposição às decisões do planalto. O Comitê Científico do Consórcio Nordeste, criado no final de março e que reúne governadores desta região, é um exemplo dessas articulações em confronto à gestão federal de combate à Covid-19.

Em Sergipe, o primeiro caso de Covid-19 foi registrado no dia 14 de março, dois dias antes da Organização Mundial de Saúde classificar o contágio do vírus como pandemia. Albuquerque (2020), em dossiê organizado pela Associação Brasileira de Ciência Política sobre as medidas dos governos estaduais em reação à pandemia, apontou algumas das primeiras ações em Sergipe:

*Entre as medidas iniciais, direcionou uma ala específica do seu maior hospital público para o atendimento de casos suspeitos do vírus; determinou a diminuição dos fluxos de pessoas em eventos de massa e a comunicação a órgãos de saúde sobre viagens ao exterior ou para cidades brasileiras com transmissão comunitária confirmada; criou um comitê emergencial para atuar junto aos municípios; suspendeu aulas em escolas da rede pública e privada e universidades da rede privada por um período inicial de 15 dias. A Universidade Federal de Sergipe, única universidade pública do estado, decidiu acompanhar o decreto estadual no mesmo dia, suspendendo atividades presenciais por igual período. (ALBUQUERQUE, 2020).*

Na mesma semana, dia 18 de março, a Secretaria Estadual de Saúde iniciava a publicação de boletins diários em que apresentava os números: seis casos confirmados, oito casos suspeitos e 25 descartados, sem óbitos. Os primeiros dois óbitos foram apresentados em boletim publicado no dia 02 de abril, nesta ocasião já haviam sido registrados 23 casos confirmados. Os boletins, com a identificação de novos casos registrados, ficam mais complexos e apresentam novas informações. No dia 20 de abril, os boletins trazem informações de casos positivos por município, o número de casos em isolamento domiciliar e o número de leitos de UTI e enfermaria ocupados.

No âmbito dos decretos do governo estadual e da prefeitura de Aracaju, os meses de março a junho serão caracterizados por uma rotina marcada por regras de flexibilização e restrição de serviços e da mobilidade da população.

Entre esses decretos, dois deles demonstram as diversas mobilizações em torno da possibilidade de fim do isolamento social. Em uma ação de contrassenso e que será acompanhada de mobilizações públicas, o governo decreta estado de calamidade pública no dia 08 de abril e, logo depois, no dia 16 do mesmo mês, emite decreto permitindo o funcionamento de atividades essenciais. Entre as atividades, inclui hotéis, motéis e pousadas com a restrição ao uso de áreas de uso comum, lojas de material de construção, imobiliárias, concessionária de veículos, lojas de autopeças, cartórios e tabelionatos, escritórios de arquitetura e engenharia, empresas de assistência técnica e óticas. Paralelamente a essa primeira medida de retorno de atividades comerciais, foram feitas pesquisas sobre a opinião da população, como a realizada pelo Instituto França de Pesquisa (IFP) e divulgada no dia 10 de abril, que indica os índices de apoio (68,2%), de rejeição (26,8%) e abstenção (5,1%) em relação às medidas estaduais<sup>4</sup>. No dia 27 de abril, as medidas do decreto publicado no dia 16 foram revogadas.

Paralelamente aos decretos em níveis estadual e municipal, manifestações públicas de apoio e desaprovação são promovidas em Aracaju. Com base nas diversas mobilizações como cartas públicas, carreatas e protestos, podemos identificar dois enquadramentos interpretativos que polarizaram a narrativa em torno dos impactos sociais causados pela Covid-19 e do combate à pandemia.

Primeiro, empresários e movimentos sociais à direita elaboram a narrativa de que os decretos eram atitudes autoritárias visto que restringiam os direitos de mobilidade individual, afetavam negativamente a geração de renda e provocavam o aumento do desemprego. Entre as mobilizações que reivindicavam a revogação do isolamento, destacamos a carreata realizada no dia 27 de março em Aracaju, as reivindicações apresentadas por Laércio Oliveira, deputado federal e presidente da Federação do Comércio

<sup>3</sup> O isolamento vertical foi uma forma de restrição da circulação da população de risco no espaço público, principalmente os idosos, mas a manutenção das atividades sociais dos demais grupos sociais. A ideia central do argumento do isolamento vertical era o de evitar a diminuição exacerbada das atividades econômicas.

<sup>4</sup> Os resultados foram divulgados em portais de notícias locais como o Sergipemais. A matéria pode ser acessada em <https://sergipemais.com.br/se/pesquisa-revela-que-71-dos-sergipanos-sao-a-favor-do-isolamento-social/>.

de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Sergipe (Fecomércio) em cartas públicas ao governador Belivaldo Chagas (PSD) nos dias 13 de abril e 14 de maio, e o plano de retomada gradual das atividades. A carta apresentada em maio, intitulada Carta Aberta aos Sergipanos, enfatizava o objetivo de construção de um campo com o intuito de pressionar os decretos de restrição das atividades comerciais. Nas redes sociais foram compartilhadas imagens satíricas e textos nos quais o prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira (PDT), e o governador são definidos como líderes totalitários, pois, com as decisões em que designam novas condutas sociais, estavam impondo o Estado às liberdades individuais.

O segundo enquadramento interpretativo trata-se dos elaborados pelos movimentos sociais à esquerda, sindicatos, partidos políticos, a Ordem dos Advogados do Brasil em Sergipe (OAB/SE) e a Universidade Federal de Sergipe, que se mobilizaram em torno da narrativa da defesa da vida. Apesar de centrada na narrativa da defesa da vida, aspectos econômicos como a garantia de empregos também compõem essa forma de narrar os impactos da pandemia que, diferentemente do primeiro enquadramento, tem como foco a manutenção dos direitos trabalhistas e da qualidade de vida de grupos vulneráveis em contexto de crise. Com base nisso, emitem notas públicas, enviam cartas, realizam pesquisas e se organizam em formato de comitê, como o Comitê Social de Crise e o Comitê Sergipano Popular pela Vida. Entre as cartas, o Comitê Sergipano Popular pela Vida encaminha, no dia 15 de maio, carta ao governador com 13 medidas para a criação de ações em defesa da proteção social. No dia 25 de maio, centrais sindicais, a Frente Brasil Popular e a Frente Brasil Sem Medo lançam nota pública chamada "Pacto pela vida: pelo isolamento social em defesa do emprego, da renda e da vida". E no dia 8 de junho, o Comitê Sergipano Popular Pela Vida protocola o Plano Popular de Enfrentamento à Covid-19.

A Universidade Federal de Sergipe, no dia 12 de março, organiza o Comitê de Prevenção e Redução de Riscos para a Covid-19, presidido pelo vice-reitor e professor Valter Joviniano de Santana. Esse comitê se organizou em 11 áreas: comunicação preventiva, produção de insumos, equipamento de proteção, divulgação científica, tratamento de pacientes, cursos e capacitações, testes rápidos da Covid-19, tecnologias da informação, projeto EpiSergipe, medidas administrativas e auxílio de assistência estudantil<sup>5</sup>. Entre as ações realizadas, podemos destacar o plano de testagem de nível estadual, o mapa epidemiológico produzido pela universidade e a abertura de leitos específicos para o cuidado de pacientes infectados em hospitais universitários localizados na capital e no interior do estado.

Neste sentido, podemos afirmar que a pandemia provocou a emergência de uma arena pública (CEFAI, 2017a, 2017b). Para o autor, uma arena pública consiste no envolvimento de

diversos atores na disputa pela narrativa e resolução de um problema público. As notas públicas, cartas enviadas ao governador e prefeito e os planos de retomada econômica e defesa da vida compõem a "cartografia da controvérsia", que se estabelece em torno das medidas de combate à propagação do vírus. Com base nessas posições, movimentos sociais, empresários, sindicatos, comitês e outras organizações construíram redes de mobilização com o objetivo de pressionar o governador e o prefeito de Aracaju.

Assim, este artigo investiga as diferentes bases organizacionais e estilos de ativismo envolvidos nas mobilizações em defesa da vida surgidas em Aracaju e região metropolitana. Para isso, mapeamos um conjunto de mobilizações realizadas entre os meses de março e junho de 2020. A fonte de dados trata-se dos recortes de jornais e, principalmente, das redes sociais como o Facebook e o Instagram. Foi nas redes sociais que as ações foram divulgadas, inclusive como forma de prestação de contas com apoiadores. Além disso, a experiência de pesquisa com movimentos sociais possibilitou o acesso a algumas redes de mobilizações e a descoberta de outros grupos.

O artigo está dividido em cinco seções. Na introdução apresentamos o contexto de emergência das ações coletivas em análise. No segundo tópico, composto por três subtópicos, demonstramos como as mobilizações em defesa da vida são constituídas de diferentes bases organizacionais e estilos de ativismo. E nas considerações finais indicamos os resultados encontrados e como o fenômeno analisado nos permite refletir sobre os activismos emergentes em contextos de crise.

### ***Mobilizações em defesa da vida: bases organizacionais e estilos de ativismo***

O contexto de isolamento social, avanço do contágio, ameaça de colapso do sistema de saúde e dificuldade das estruturas estatais em atender à população com ações de prevenção e assistência social colocaram a sociedade civil e grupos organizados diante da tarefa de criar mecanismos de combate aos impactos sociais provocados pela Covid-19. Paralelamente a isso, movimentos sociais e pesquisadores denunciavam o caráter desigual das consequências dos problemas sociais. A ausência de saneamento básicos, como a disponibilidade de água potável, impedia as medidas de prevenção mais básicas, a distribuição desigual dos leitos de UTI aumentava o risco de morte em determinadas regiões das cidades e a possibilidade de isolamento social apresentava-se impossível para grupos sociais em vulnerabilidade. Assim, a propagação do contágio do novo Coronavírus revelou o fenômeno da desigualdade em sua versão multifacetada<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Notícia do lançamento do comitê na Universidade Federal de Sergipe: <http://www.ufs.br/conteudo/65229-veja-as-acoes-da-forca-tarefa-da-ufs-no-enfrentamento-ao-novo-coronavirus>.

<sup>6</sup> Algumas dessas abordagens estão compiladas, com base em perspectiva teórica, metodológica e empírica multifacetada, em publicação recente da Anpocs intitulada *Os cientistas sociais e o coronavírus* (GROSSI, TONIOL, 2020).

Nesse cenário, emergiram redes de solidariedade com o objetivo de minimizar os impactos da Covid-19 em populações vulneráveis. Até o dia 22 de junho a *Plataforma das práticas colaborativas de combate à covid-19 e das redes de solidariedade*<sup>7</sup>, um mapa colaborativo nacional, registrava 1016 iniciativas de movimentos sociais, coletivos e outros grupos organizados e 543 ações promovidas por universidades e laboratórios de pesquisa. No Brasil, essas ações se concentram em cidades das regiões Sul e Sudeste como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. No Nordeste, as cidades de Salvador, Fortaleza e Recife lideram em quantidade de iniciativas. No mapa colaborativo, Sergipe aparece com somente oito ações. No entanto, em banco de dados que subsidia esta pesquisa, foram identificadas 46 campanhas<sup>8</sup>.

Com base no mapeamento realizado, analisamos os dados a partir das seguintes variáveis: o perfil das organizações, as narrativas desenvolvidas em torno da pandemia e as redes de mobilizações.

A identificação do perfil das organizações e o interesse em compor as bases organizativas das mobilizações estão vinculados a dois aspectos centrais neste artigo. Primeiro, mapear os diferentes repertórios organizacionais das ações coletivas. E segundo, analisar os padrões de relações de parceria entre esses coletivos ou, em outras palavras, as redes de movimentos sociais (DIANI, 1992; DIANI & BISON, 2010).

A análise dos enquadramentos, por sua vez, nos possibilita identificar as diferentes formas pelas quais as ações coletivas narraram os impactos sociais da pandemia. Os enquadramentos interpretativos são um conceito elaborado por Erving Goffman (2012), mas também constituem um campo da ação coletiva (SILVA; COTANDA; PEREIRA, 2017; BENFORD; SNOW, 2000). Nos estudos sobre os movimentos sociais, os enquadramentos são definidos como o modo pelo qual os agrupamentos elaboram uma narrativa acerca de um determinado fenômeno. No caso em tela, o conceito nos permite localizar os enquadramentos sobre a pandemia e seus impactos sociais.

Durante o processo de catalogação, percebemos como as diferentes bases organizacionais enquadravam, cada uma a seu modo, a pandemia. Inicialmente essa diferença pode ser identificada nos enquadramentos em torno da "defesa da economia" e "defesa da vida". No entanto, a aproximação com as mobilizações em defesa da vida nos permitiu identificar as nuances presentes nessa rede de movimentos sociais. Essas nuances, longe de apresentarem uma fragmentação completa e desordenada, chamaram atenção para três padrões de enquadramentos interpretativos sobre a pandemia. Em uma apropriação do conceito de Mische (2008) e Alonso e Mische (2017), também denominamos esses padrões – aos quais atravessam combinações específicas de repertórios organizacionais, enquadramentos interpretativos e redes de mobilizações – de estilos de ativismo.

A concepção de estilo de ativismo tem sido desenvolvida (MISCHE, 2008; ALONSO & MISCHE, 2016; ALONSO, 2017) para pensar, tal como sugere o sentido da expressão, as mais variadas culturas de ativismo. Para isso, as autoras reúnem um conjunto de variáveis tradicionalmente analisadas de modo atomizado nas diferentes agendas de pesquisa – os padrões de enquadramentos interpretativos, repertórios de ação, carreiras militantes, etc. – e categorizam os diferentes estilos de ativismo. Essa é a operação realizada por Mische (2008), ao estudar os diferentes estilos de ativismo entre os estudantes no período da redemocratização, e Alonso e Mische (2016), na análise dos manifestantes que organizaram e participam de uma série de protestos nas Jornadas de Junho de 2013.

A partir do recorte empírico analisado, e baseado na análise das bases organizacionais, enquadramentos interpretativos e redes de mobilização, classificamos as ações coletivas pela defesa da vida em três estilos de ativismo distintos: os grupos de voluntariado e o ativismo filantrópico; as organizações comunitárias, os movimentos sociais e o ativismo de base e as centrais sindicais e o ativismo trabalhista.

### ***Os grupos de voluntariado e ativismo filantrópico***

O estilo de ativismo filantrópico pode ser definido como uma ação coletiva organizada por grupos de voluntariado e marcada pelos princípios do civismo, da caridade e da filantropia. Neste caso, o combate à pandemia constitui uma obrigação moral em doar-se para o bem de todos.

A Rede de Apoio SOS Covid-19 é um exemplo deste modelo de ação. A rede emergiu no contexto específico da pandemia e teve o objetivo de articular organizações com o intuito de coleta e distribuição de alimentos e material de higiene pessoal. Entre os grupos que compunham essa rede, podemos destacar o Instituto Give, as ONGs Amor em Ação, Doe Amor, Juventude Solidária, Circo Esperança, Projeto Metamorfose e Corrente do Bem. Além dessa rede, destaca-se a articulação entre a União Sergipe, representada pela Selva Solidária, e, nacionalmente, a União Brasil. Ambas as organizações emergem enquanto agentes de mediação entre iniciativas no contexto pandêmico. Em muitos casos, a exemplo do modo como a União Sergipe e União Brasil se definem em suas redes, essas organizações destacam o caráter apartidário de suas iniciativas. A ação, para o estilo de ativismo filantrópico, não possui um sentido político partidário ou de reivindicação de direitos, mas cívico.

Em descrição disponibilizada pela União SE em campanha virtual de arrecadação de recursos, o grupo Benfeitoria se define como "um coletivo apartidário movido pela solidariedade e vontade de fazer o bem ao próximo" e que busca levar "es-

<sup>7</sup> <https://mapacolaborativo.org.br/>.

<sup>8</sup> As campanhas consistem em uma sucessão de ações alinhadas a um objetivo específico e realizadas de modo coordenado por um grupo ou uma rede de movimentos sociais.



perança e uma perspectiva de vida melhor para os moradores das comunidades". E o Selva Solidária, grupo responsável pela articulação do movimento União em Sergipe, define-se como um coletivo "formado por jovens que buscam apoiar pessoas que vivem em situação de miséria e fome ou que foram impactadas por algum desastre, como ocorreu com o derramamento de óleo" (BENFEITORIA, 2020).

As organizações que representam os diferentes estilos de ativismo destacados, por vezes, também estabelecem parcerias. Esse é o caso da União Sergipe e a Central Única das Favelas (CUFA) em Sergipe. Nesta situação específica, a presença da CUFA está associada à centralidade que este grupo adquiriu em distribuir os recursos nas comunidades periféricas de Sergipe. Muitas organizações e institutos estabeleceram parceria com a CUFA, pois ela tinha, por meio das organizações comunitárias vinculadas a ela, algo que diversos grupos não tinham: conhecimento dos territórios periféricos e reconhecimento das populações residentes nessas regiões das cidades.

### **As organizações comunitárias e o ativismo de base**

Para além da emergência dos grupos de voluntariado, o contexto de pandemia trouxe a necessidade de que ações coletivas já existentes direcionassem suas mobilizações para a contenção dos impactos da Covid-19 em populações vulneráveis. Esse é o caso das organizações comunitárias, os movimentos sociais e o estilo de ativismo de base.

O ativismo de base é caracterizado por um sentido da ação vinculado à luta por direitos sociais e reivindicação da cidadania; pela inserção prévia nos territórios nos quais seus ativistas realizaram as mobilizações; crítica ao estilo de ativismo filantrópico que definem como assistencialismo e estabelecem uma fronteira de diferença entre as redes de mobilização; e de uma dinâmica de ação e organização fundamentada na tradição do basismo<sup>9</sup>.

A campanha "Nós Por Nós: Quarentena com Direitos" é um exemplo desse estilo de ativismo. A Quarentena com Direitos foi uma articulação entre o Movimento Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), o Movimento Organizado dos Trabalhadores Urbanos (MOTU), o Levante Popular da Juventude (LPJ), o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra Movimento Sem Terra (MST) e o Movimento Camponês Popular

(MCP). Nesta campanha, os movimentos sociais e coletivos vinculados mobilizaram lideranças de organizações com atuação reconhecida nos territórios urbanos nos quais atuaram – o MOTU e o Levante Popular da Juventude – e rurais – MST, MPA e o MCP – para realizar as ações.

Em texto publicado na Vakinha, site de arrecadação de fundos *on-line*, a campanha diz que tem como objetivo acompanhar "os desdobramentos políticos, econômicos e sociais da epidemia da COVID-19 no Brasil" por meio de "frentes de trabalho, especialmente as que atuam nas periferias de Aracaju, esses impactos serão sentidos pela nossa base social" (VAKINHA, 2020). As principais ações direcionadas às bases foram a distribuição de alimentos e itens de higiene. Por fim, a descrição da campanha afirma: "A solidariedade e coletividade são a nossa melhor arma pra luta hoje!". Esta dimensão de uma solidariedade e coletividade que se forma em contato com as bases sociais é aquilo que caracteriza o modelo de interação entre essas organizações e o público-alvo das ações enquanto um ativismo de base.

Paralelamente a esta ação, também foi lançada, no dia 26 de maio, a campanha Sergipe Sem Fome, organizada por movimentos sociais e coletivos vinculados ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e a Frente Povo Sem Medo<sup>10</sup>. De modo semelhante à campanha Quarentena por Direitos, o manifesto elaborado pela Sergipe Sem Fome enfatizava as mobilizações contra os impactos da pandemia como forma de reivindicação de direitos sociais e, neste caso, enfrentamento ao governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.

*Não morreremos! Nem de Covid 19 e nem de fome! A campanha #SergipeSemFome quer fortalecer uma rede de solidariedade entre as comunidades sergipanas que estão sendo afetadas pela pandemia. Essa campanha acontece em um momento necessário, onde o Coronavírus se espalha rapidamente, atingindo de forma mais brutal a população negra das periferias, comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas.*

*A cada dia cresce o número de sergipanos vivenciando a falta de alimentos, convivendo também com o desemprego, falta de moradia, saneamento e água potável para enfrentar a pandemia. Para as mulheres, homens, idosos, jovens e crianças abandonadas pelo poder público, ações de solidariedade são as únicas formas de resistir e sobreviver.*

*Os benefícios emergenciais do Estado que foram conquistados com muita luta, são insuficientes. O Auxílio Emergencial de R\$ 600,00, aprovado depois de muito briga por parte da oposição, obrigou Bolsonaro a liberar o dinheiro para milhões de brasileiros e brasileiras. Mas Bolsonaro se recusa a ampliar os benefícios, atrasa o pagamento das parcelas, faz o que pode para*

<sup>9</sup> O basismo é uma tradição movimentalista que, no Brasil, é associada a um conjunto de movimentos emergentes no final da década de 1970 e que influencia diversas formas de ação coletiva vinculadas ao campo socialista (DOIMO, 1995; SADER, 1988; GOHN, 2013). A vinculação com as populações representadas, a busca por construir processos decisórios comunitários, a realização de campanhas autônomas ao Estado ou entidades privadas e a centralidade do povo como sujeito histórico são alguns dos elementos desse tipo de ação.

<sup>10</sup> A Frente Povo Sem Medo é uma articulação nacional que emerge no período de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e que tinha o objetivo de, por meio de uma crítica de esquerda aos governos do Partido dos Trabalhadores, contestar as políticas de austeridade, o processo de *impeachment* que chamaram de golpe e o fortalecimento de grupos conservadores no Brasil. A articulação foi protagonizada pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol).

*acabar com o isolamento social e faz pouco caso de nossas vidas. Quem tem fome tem pressa. E se ele quer a nossa morte, nós queremos o Fora Bolsonaro! (SINDICOSE, 2020).*

Além dessas campanhas, que constituem duas redes distintas de mobilizações, e cujas fronteiras que as separam estão relacionadas às suas vinculações político-partidárias e associativas, a Central Única das Favelas (CUFA) foi outra organização envolvida nesse estilo de ativismo.

A CUFA foi uma organização que promoveu ações de conscientização para a prevenção da Covid-19 e distribuição de cestas básicas, material higiênico e equipamentos de proteção individual em todo o território nacional. A atenção das ações dessa organização esteve direcionada a territórios e populações em vulnerabilidade, como os povoados nas cidades de interior e as periferias nas médias e grandes cidades. Em Sergipe, as ações estiveram interligadas a um conjunto de organizações com inserção prévia em populações locais, mas também com o apoio de instituições, fundações e empresas privadas. No caso destas últimas organizações responsáveis pela doação de recursos, identificamos um processo de reconhecimento da CUFA enquanto uma organização capaz de direcionar os recursos à população beneficiada.

A Fundação Banco do Brasil, o Instituto Banese, a emissora de televisão TV Sergipe, o Project Management Institute e o Instituto Rahamim, além de supermercados e iniciativas locais de menor proporção, realizaram doações e campanhas de recursos para a CUFA-SE. A partir disso, a Central Única das Favelas organizava as formas de transferir as doações para a população beneficiária. Essa transferência ocorreu por meio da própria Central Única das Favelas-SE, mas também a partir de parceiros locais, a exemplo de organizações comunitárias, como o projeto Pescando Memória, Associação de desenvolvimento social e cidadã de Umbaúba, a Associação Aliados Pelo Verso, o Projeto As Margens do Rio, o Juventude Atuante Soledade e o Instituto Rahamim. Este último, tanto foi doador quanto exerceu o papel de distribuidor dos recursos coletados.

Em casos de grande volume de doações, se estabeleceu uma rede de mobilização um pouco mais complexa e extensa. Esta rede pode ser caracterizada por três tipos de organizações: as doadoras, as articuladoras e as mediadoras. As doadoras exercem a função de doar ou criar campanhas de doação, como foi o caso da TV Sergipe, da Fundação Banco do Brasil e do Instituto Banese. As articuladoras, como a CUFA-SE e a Mães da Favela, mobilizam a arrecadação de fundos em campanhas nacionais e locais. E as mediadoras, que possuem um conhecimento prévio das comunidades necessitadas, são reconhecidas nos territórios e, com base nisso, distribuem os recursos *in loco*.

Além dessas mobilizações da CUFA-SE, as ações do Punhos de Ouro em parceria com a União de Negros pela Igualdade

(UNEGRO-SE), a campanha Sergipe Sem Fome, a rede solidária UFS Pela Vida, as mobilizações de entidades religiosas católicas e afrobrasileiras, a Auto-Organização Rejane Maria, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST-SE), o Movimento Tudo para Todos, a casa de acolhimento para a população LGBTQI+ CasaAmor e a Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT são alguns exemplos de outras organizações vinculadas ao estilo de ativismo de base.

## **As centrais sindicais e o ativismo trabalhista**

Em Sergipe, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) é o principal articulador do estilo de ativismo trabalhista. A campanha "Pacto pela vida: pelo isolamento social, em defesa do emprego, da renda e da vida", por exemplo, é representativa de como os sindicatos e centrais sindicais se inserem nessas mobilizações. A principal pauta para esse grupo é a reivindicação de uma quarentena que seja capaz de reservar os direitos trabalhistas. As pressões em torno da defesa da economia e reabertura dos setores produtivos forjaram um contexto no qual os trabalhadores estiveram mais expostos ao vírus. Além disso, vários segmentos trabalhistas, a exemplo dos profissionais dos Correios (INFONET, 2020b) e da saúde (INFONET, 2020a), denunciaram a ausência de fornecimento de equipamentos de proteção individual para a prevenção do contato com a Covid-19. A seguir, no manifesto<sup>11</sup> Pacto Pela Vida da CUT, podemos identificar o enquadramento trabalhista da pandemia.

*O governo defende o fim do isolamento social e a consequente retomada total atividade econômica, sem levar em consideração as milhares de mortes que essa atitude pode causar e criando artificios midiáticos para desviar a atenção da população para a gravidade do problema.*

*Qualquer flexibilização, nesse momento, traz exposição e risco de morte a milhares de trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que não são os empresários que estarão na linha de frente das atividades econômicas.*

*Cabe ressaltar que a crise financeira que o Brasil vem atravessando é anterior à pandemia e que o desemprego já era uma crescente e tende a se agravar, sobretudo, pela péssima condução do Estado feita por Bolsonaro, Paulo Guedes, deputado Laércio Oliveira, e todos que apoiam a redução de salários e direitos do trabalhador força motriz a superação dessa crise.*

*Não estamos defendendo o fim do setor produtivo, muito pelo contrário, estamos defendendo que ao final da pandemia existam vidas, e trabalhadores, para poder produzir e consumir toda a riqueza do Brasil. (CUT-SE, 2020).*

A denúncia das condições de trabalho favoráveis ao contágio e a defesa da vida dos trabalhadores foram as principais pautas. De modo semelhante aos movimentos sociais do ativismo

<sup>11</sup> A íntegra do manifesto pode ser acessada em <https://se.cut.org.br/noticias/pacto-pela-vida-pelo-isolamento-social-em-defesa-do-emprego-da-renda-e-da-vida-90b7>.

mo de base, os sindicatos também associaram tais questões diretamente às medidas do governo de Jair Bolsonaro, assim como às pressões de setores produtivos locais para a reabertura do comércio. Este é o caso da referência ao deputado federal e presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Sergipe (Fecomércio-SE), Laércio Oliveira. O deputado federal foi, em âmbito local, um dos principais articuladores das ações em "defesa da economia". Para isso, divulgou, no dia 13 de maio, uma carta pública intitulada Carta Aberta aos Sergipanos (INFONET, 2020f) no qual apontava para os efeitos do isolamento social no processo de degradação da economia local e suas consequências em termos de demissões em massa. Essa carta adquiriu ampla repercussão nos diversos meios de comunicação e o governador respondeu ao deputado através de notas oficiais (GOVERNO DE SERGIPE, 2020) e entrevistas em emissoras de rádio e televisão. Posteriormente, no dia 02 de junho, o grupo de empresários articulados ao deputado e presidente da Fecomércio-SE, apresentaram publicamente, o Plano de Retomada Gradual das Atividades (INFONET, 2020g) com o objetivo de influenciar no "retorno da economia".

Os repertórios de ação mobilizados por esse grupo são variados, campanhas de comunicação dos impactos sociais provocados pela pandemia e arrecadação e distribuição de alimentação para setores trabalhistas e, diferentemente das demais redes de mobilização, protestos de rua.

A performatização de um "banho de sangue", um portador figurativo de significado (JASPER, 2016)<sup>12</sup> utilizado nesta sequência de protestos, foi a estratégia mobilizada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) em parceria com outros movimentos sociais. No dia 22 de junho, em frente ao Palácio do Governo, a campanha Pacto Pela Vida, com o uso de tinta vermelha espalhada pelo chão, faixas e cruzeiros pretas representando as mortes provocadas pela Covid-19, reivindicava a manutenção e a implementação do *lockdown*. O protesto, que chamava atenção por sua performance inusitada, foi televisionado e também noticiado em portais de notícias. Segundo Roberto Silva, presidente da CUT/SE, nesse protesto:

*Não tem testagem em massa, não tem medição de temperatura, não tem controle na entrada das empresas, ou seja: não tem, por parte do governo, nenhuma medida de proteção àqueles que têm se aglomerado dentro dos ônibus para trabalhar aumentando a contaminação por Covid no nosso Estado de forma assustadora. É a vida das pessoas que está em jogo. Por isso aqui não é nenhuma 'depredação do patrimônio público', é um simbolismo para denunciar o banho de sangue de verdade, o sangue das pessoas que estão morrendo todos os dias. (CORSO, 2020).*

Esse ato foi repetido, com base no mesmo repertório e performance, nos dias 30 de junho, em frente à sede da Prefei-

tura Municipal de Aracaju (INFONET, 2020c), 29 de junho, no centro comercial da cidade (INFONET, 2020d), e 18 de julho na principal orla da capital (INFONET, 2020e). Essas mobilizações acontecem paralelamente à flexibilização das regras de isolamento social e o aumento da pressão de grupos de empresários em torno do retorno das atividades comerciais.

As ações em torno da coleta e distribuição de alimentos e artigos de higiene também aconteceram nesses grupos. Nos sindicatos, a CUT, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica do Estado de Sergipe (SINTESE), o Sindicato dos Assistentes Sociais de Sergipe (SINDASSE) e o Sindicato dos Servidores do Ministério Público de Sergipe (SINDSEMP/SE), realizaram doações feitas por pessoas físicas e recursos próprios do sindicato à trabalhadores como os músicos e domésticas. Essas duas categorias foram amplamente atingidas pela pandemia da Covid-19. Os artistas diminuíram suas apresentações devido ao fechamento dos bares e da impossibilidade de aglomeração e as domésticas tiveram suas atividades paralisadas e, por receber de acordo com os dias trabalhados, sofreram a consequente diminuição da renda.

O ativismo trabalhista, diferente dos ativismos filantrópico e de base, tem como características principais a defesa dos direitos trabalhistas enquanto forma de reivindicar a defesa da vida e a mobilização de uma base organizacional de sindicatos. Essa base trabalhista pode ser identificada tanto nos grupos que organizam as ações coletivas – no caso de Sergipe com o protagonismo da Central Única dos Trabalhadores, que tem o papel de mobilizar os diversos sindicatos em nível estadual – quanto no público-alvo de suas ações.

## Considerações Finais

As desigualdades em torno dos impactos socioeconômicos da pandemia provocada pela Covid-19 nos diversos grupos sociais, como também os limites das medidas para mitigar os riscos emergentes nesse período, contribuíram para a formação de um contexto de mobilização de escalas locais, nacionais e transnacionais. De um lado, grupos sociais estimulados por representantes dos setores produtivos e apoiadores do governo Jair Bolsonaro foram às ruas "em defesa da economia". Essas ações foram motivadas pela narrativa de que era necessário manter as atividades econômicas para a prevenção de uma crise econômica de escalas local e nacional. Do outro lado, movimentos sociais, partidos políticos e coletivos à esquerda, como também pesquisadores, principalmente das universidades públicas, elaboraram estratégias de defesa de medidas como o isolamento social e o *lockdown*, assim como possibilitaram que as populações vulneráveis fossem amparadas nesse momento de crise. Neste sentido, essas ações coletivas mobilizaram-se, diferentemente das

<sup>12</sup> Para Jasper (2016), um portador figurativo de significado consiste nos diversos signos de linguagem oral, escrita e gestual, capaz de atribuir sentido e mobilizar sentimentos e emoções em uma determinada situação.

citadas anteriormente, "em defesa da vida". Esses foram os dois principais enquadramentos que envolveram os diversos grupos sociais no debate público.

A partir desse contexto de mobilização, este artigo analisou as diversas bases organizacionais, redes de movimentos sociais e estilos de ativismos vinculados às manifestações "em defesa da vida". Para isso, catalogamos as campanhas veiculadas nas redes sociais, principalmente o Instagram e o Facebook, e recortes de jornais entre os meses de março e junho de 2020. Algumas variáveis foram privilegiadas nesta análise, tais como a) a organização que promoveu a ação; b) o tipo organizacional (partido político, movimento social, grupos de voluntariado, ONGs, coletivos, etc.); c) organização apoiadora; d) repertório de ação; e e) público-alvo da ação. Desta forma, e juntamente com a análise de como a pandemia foi narrada por esses grupos, identificamos aquilo que foi o objeto de reflexão desse artigo: os estilos de ativismo (MISCHE, 2008; ALONSO & MISCHE, 2016; ALONSO, 2017) desenvolvidos pelas redes envolvidas no enfrentamento do combate à pandemia. Com base nessas informações, identificamos três bases organizacionais e estilos de ativismo: os grupos de voluntariado e o ativismo filantrópico, as organizações comunitárias e o ativismo de base e os sindicatos e o ativismo trabalhista.

Esses estilos de ativismo consistem em culturas de mobilização marcadas por diferentes modos de ação coletiva, sentidos da ação e formas de narrar um determinado problema público que, neste caso, são os impactos sociais provocados pela pandemia. E a origem dessas culturas de mobilização, como buscamos demonstrar, está vinculada ao perfil de associativismo das organizações que analisamos.

Portanto, este artigo buscou demonstrar como, em nível local, ainda que o fenômeno não tenha se restringido a tal escala, o contexto de pandemia tornou possível a emergência de um contexto de mobilizações. De um lado, os comitês realizaram ações mais institucionalizadas, como a proposição de planos de contenção da pandemia em reuniões com o governo e seus representantes. E do outro lado, grupos organizados realizaram ações diretas e menos institucionalizadas, como a coleta e distribuição de itens de higiene e alimentícios, estratégias de prevenção à Covid-19, etc. Essas ações coletivas nos chamam atenção para o modo como a sociedade civil desenvolveu repertórios de ação que podem ser comparados a tecnologias sociais, ou seja, dispositivos capazes de enfrentar problemas sociais. Além disso, combinaram um conjunto de formas de ação que estavam sendo experimentadas em diversas cidades brasileiras e medidas de proteção difundidas pelas agências de saúde às formas de ação consolidadas pelos movimentos sociais em tela.

## Referências bibliográficas

- ALONSO, A. 2017. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos – CEBRAP*, 37(1): 49–58.  
DOI: 10.25091/S01013300201700040006.
- ALONSO, A.; MISCHE, A. (2016) Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests: June 2013 in Brazil. *Bulletin of Latin American Research*, 36(2): 144–159.  
DOI: <https://doi.org/10.1111/blar.12470>.
- ALBUQUERQUE, R. B. de. 2020. Sergipe: contenção, prevenção e reabertura. *Nexo Jornal*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2020/05/10/Como-os-governos-estaduais-lidam-com-a-pandemia>. Acesso em: 01/07/2020.
- BENFEITORIA. 2020. [SE] União Sergipe contra o Coronavírus. *Benfeitoria*. 2020. Disponível em: <https://benfeitoria.com/uniaoosergipe>. Acesso em: 24/11/2020.
- BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. 2000. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, 26(1): 611–639. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.611>.
- CEFAÏ, D. 2017a. Públicos, problemas públicos, arenas públicas... O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos Estudos – CEBRAP*, 36(1): 187–214. DOI: 10.25091/s0101-3300201700010009.
- CEFAÏ, D. 2017b. Públicos, problemas públicos, arenas públicas... O que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). *Novos Estudos – CEBRAP*, 36(2): 128–143. DOI: <http://doi.org/10.25091/s0101-3300201700020007>.
- CORSO, I. 2020. Ato simboliza banho de sangue no Palácio do Governo e cobra lockdown em Sergipe. Disponível em: <https://se.cut.org.br/noticias/ato-simboliza-banho-de-sangue-no-palacio-do-governo-e-cobra-lockdown-em-sergipe-1fb8>. Acesso em: 30/06/2020.
- CUT-SE. 2020. Pacto pela vida: pelo isolamento social em defesa do emprego, da renda e da vida. Disponível em: <https://se.cut.org.br/noticias/pacto-pela-vida-pelo-isolamento-social-em-defesa-do-emprego-da-renda-e-da-vida-90b7>. Acesso em: 25/06/2020
- DIANI, M. 1992. The concept of social movement. *The Sociological Review*, 40(1): 1–25.  
DOI: <http://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1992.tb02943.x>.
- DIANI, M.; BISON, I. 2010. Organizações, coalizões e movimentos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (3): 219–250.
- DOIMO, A. M. 1995. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós 70*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 352 p.
- GOFFMAN, E. 2012. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 720 p.
- GOHN, M. da G. M. 2013. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 239 p.
- GROSSI, M. P.; TONIOL, R. 2020. *Cientistas sociais e o coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 718 p.
- GOVERNO DE SERGIPE. 2020. Nota do Governo de Sergipe sobre Carta Aberta enviada por empresários. Disponível em: [https://www.se.gov.br/noticias/governo/nota\\_do\\_governo\\_de\\_sergipe\\_sobre\\_carta\\_aberta\\_enviada\\_por\\_empresarios](https://www.se.gov.br/noticias/governo/nota_do_governo_de_sergipe_sobre_carta_aberta_enviada_por_empresarios). Acesso em: 29/07/2020.
- INFONET. 2020a. Enfermeiros fazem vigília e denunciam dificuldades no trabalho. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/saude/enfermeiros-fazem-vigilia-e-denunciam-dificuldades-no-trabalho>. Acesso em: 20/09/2020.
- INFONET. 2020b. Covid-19: Sindicato dos Correios reivindica EPLs para os trabalhadores. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/saude/covid-19-sindicato-dos-correios-revindica-epis-para-os-trabalhadores>. Acesso em: 02/04/2020.
- INFONET. 2020c. Covid-19: ato com 'banho de sangue' na PMA pede lockdown na capital. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/covid-19-ato-com-banho-de-sangue-na-pma-pede-lockdown-na-capital>. Acesso em: 01/07/2020.
- INFONET. 2020d. SINTUFS promove ato 'Banho de sangue' contra a rea-



- bertura do comércio. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/sintufs-promove-ato-banho-de-sangue-contra-a-reabertura-do-comercio>. Acesso em: 30/06/2020.
- INFONET. 2020e. Sindicatos fazem ato na Orla por lockdown e saída do presidente. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/politica/sindicatos-fazem-ato-na-orla-por-lockdown-e-saida-do-presidente>. Acesso em: 19/07/2020.
- INFONET. 2020f. Empresários se manifestam pela ausência de plano da retomada do setor. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/economia/empresarios-se-manifestam-pela-ausencia-de-plano-da-retomada-do-setor/>. Acesso em: 20/06/2020.
- INFONET. 2020g. Confirma o plano dos empresários sugerido para reabertura do comércio. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/economia/confira-o-plano-da-classe-empresarial-para-reabertura-do-comercio/>. Acesso em: 10/06/2020.
- JASPER, J. M. 2016. *Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 244 p.
- MARTINS-FILHO, P. R.; SANTOS, V. S.; QUINTANS-JÚNIOR, L. J.; JESUS, M. J. M.; ARAÚJO, A. A. S. 2020a. Evolução dos Óbitos por COVID-19 no Município de Aracaju, Sergipe. Parte I: 01 de abril a 16 de junho de 2020. In: *Nota Técnica EpiSERGIPE, nº 02-2020*, Universidade Federal de Sergipe, pp. 1-11.
- MARTINS-FILHO, P. R.; SANTOS, V. S.; QUINTANS-JÚNIOR, L. J.; JESUS, M. J. M.; ARAÚJO, A. A. S. 2020b. Evolução dos Óbitos por COVID-19 no Município de Aracaju, Sergipe. Parte II: 17 a 30 de junho de 2020. In: *Nota Técnica EpiSERGIPE, nº 03-2020*, Universidade Federal de Sergipe, pp. 1-15.
- MISCHE, A. 2008. *Partisan Publics: Communication and Contention Across Brazilian Youth Activist Networks*. Princeton: Princeton University Press, 432 p.
- SADER, E. 1998. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 392 p.
- SANTOS, J. V. 2020. Dos comitês populares às quebradas: mobilizações em combate aos impactos sociais provocados pela Covid-19. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2454-boletim-a-questao-etnico-racial-em-tempos-de-criese-n-19>. Acesso em: 23/11/2020.
- SINDICOSE. 2020. Sergipe sem fome: apoie essa causa. Disponível em: <http://sindicose.org/2020/07/18/sergipe-sem-fome-apoie-essa-causa>. Acesso em: 20/07/2020.
- SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M. 2017. Interpretação e ação coletiva: o "enquadramento interpretativo" no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*, 25(61): 143-164. DOI: <http://doi.org/10.1590/1678-987317256102>.
- SILVA, A. M. 2020. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a Covid-19. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 2(20): 4-28. DOI: <http://doi.org/10.47369/eidea-20-2-2736>.
- VAKINHA. 2020. Nós por Nós - Quarentena com Direitos Sergipe. 2020. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vakinha/nos-por-nos-quarentena-com-direitos-sergipe>. Acesso em: 11/11/2020.

Submetido: 30/12/2020

Aceite: 19/04/2021